

# Na bagagem de Dona Zezé: uma análise da professora em formação a partir de fotografias

Gabriela Fiorin Rigotti

**Como citar:** RIGOTTI, Gabriela Fiorin. Na bagagem de Dona Zezé: uma análise da professora em formação a partir de fotografias. *In:* MANINI, Miriam Paula; OLIVEIRA, Eliane Braga de; GOMES, Ana Lucia de Abreu. **Imagem, Informação e Memória:** abordagens acerca da preservação do audiovisual, do cinema e da fotografia. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 161-176. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-271-0.p161-176>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# NA BAGAGEM DE DONA ZEZÉ: UMA ANÁLISE DA PROFESSORA EM FORMAÇÃO A PARTIR DE FOTOGRAFIAS

*Profa. Dra. Gabriela Fiorin Rigotti*<sup>1</sup>

Toda vez que me proponho a viajar é assim: no dia anterior à partida, penso no destino, no propósito e na duração da viagem. Separo as roupas. Dobro e redobro várias vezes até que caibam na mala. Escolho os sapatos que combinam com as roupas. Pego algumas roupas de baixo, e tento não esquecer o pijama e o chinelo. Um brinco para trocar já é suficiente, mas não dá pra abrir mão de dois batons. E ainda tem a escova de dente, a escova de cabelos... Ai! Esqueci as meias!

Cada um de nós tem uma forma de fazer sua mala e coloca em sua bagagem o que julga mais apropriado, ou o que se lembra de pegar... Apesar dos inúmeros conselhos sobre como arrumar uma mala leve e funcional, cada um escolhe o que levar e o que deixar – e sempre esquecemos alguma coisa!

Maria José de Oliveira Dias tem muita bagagem: “dedicou 46 dos seus 64 anos ao magistério. Andou a cavalo, percorreu trilhas a pé,

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação Visual-Fotografia; gestora de Agência de Comunicação & Inovação do Centro Universitário Padre Anchieta. E-mail: gabi.frigotti@gmail.com.

recorreu a charretes. Tudo para chegar às escolas da zona rural de São Bento do Sapucaí, onde construiu sua carreira. Criou dois filhos, mas não os viu crescer por falta de tempo para os afazeres domésticos, tamanha a entrega às coisas do ensino – costuma dizer que viveu em uma época em que professor fazia as vezes de médico, farmacêutico, conselheiro. Os filhos lhe deram quatro netos; a mãe, de 94 anos, está sob seus cuidados. Mas Maria José, hoje professora da Escola Estadual Dr. Genésio Cândido Pereira (*pertencente à Diretoria de Ensino de Pindamonhangaba*), está muito longe de deixar o giz e a lousa de lado, mesmo aposentada desde 1989. Entre seus planos está a matrícula num curso de pós-graduação. Não é por falta de diploma. Dona Zezé, como é conhecida em São Bento do Sapucaí, cursou Pedagogia, Estudos Sociais (ambos na época da ditadura), História (“na chegada da democracia”) e Geografia, este último completado ano passado<sup>2</sup>.

Vestindo conjunto estampado com grandes flores vermelhas em fundo branco, calça e blusa combinando entre si e também com as sandálias abertas, ela espera pela condução, viaja, desce do ônibus, consulta o computador. No intervalo das atividades, ouve o colega tocar o violão. Enquanto conta ao entrevistador sobre sua experiência como aluna do curso de formação continuada *Teia do Saber*<sup>3</sup>, olha ao longe e sorri discretamente, como uma fresca flor plantada no meio do gramado verde – apesar das rugas e dos óculos pesando sobre o nariz denunciarem quantas vezes toda sua bagagem já foi arrumada e desarrumada.

Por minha vez, tenho alguma bagagem também: dentre estes quase quinze anos como professora e pesquisadora, atuei como docente contratada da Unicamp no programa *Teia do Saber* entre os anos de 2003 e 2004, ministrando aulas em diversas cidades (Apiáí, Avaré, Bragança Paulista, Campinas, Itapetininga e Piraju) durante o módulo “Ler a Imagem para

---

<sup>2</sup> Texto extraído do livro fotorreportagem “Teia do Saber: capacitação de professores da rede pública” (KASSAB, 2005, p. 145).

<sup>3</sup> O programa Teia do Saber, lançado em 2003 pelo então governador do Estado de São Paulo Geraldo Alckmin, caracterizou-se por ministrar aulas, presenciais e/ou à distância, aos professores de escolas estaduais a partir das necessidades de formação levantadas pelas Diretorias de Ensino de cada região. A Universidade Estadual de Campinas - Unicamp atuou no curso entre os anos de 2003 e 2009.

Apre(e)nder o Mundo” – constante do curso “Ler para Aprender”, sob coordenação do Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva.

Foi justamente esta a principal bagagem trazida para a realização deste texto, já que as ideias aqui apresentadas fazem parte de uma proposta<sup>4</sup> de investigação sobre a imagem da professora<sup>5</sup> a partir das fotografias e dos textos que as acompanham extraídos do livro fotorreportagem “Teia do Saber: capacitação de professores da rede pública”, lançado pela Unicamp em abril de 2006<sup>6</sup>.

Buscamos, neste estudo responder a questões como: Qual discurso acerca da formação de professores – proferido pela academia, pelo Estado e pelo grupo editorial responsável pelo livro analisado – estas fotografias e textos ajudam a confirmar? Estas fotografias, analisadas a partir de seus elementos constitutivos (cenários, figurinos, posições de câmera etc.) e com o suporte dos textos, ajudam-nos a reconhecer as professoras conhecidas pessoalmente durante as aulas do *Teia do Saber*? Será que a própria professora fotografada se reconhece neste livro? Será que Dona Zezé se reconheceria?

Para realizar uma análise como esta, dentre os muitos objetos da cultura material aos quais o pesquisador poderia se reportar estão as imagens. Estáticas (pinturas, fotografias) ou sequenciais (cinema e vídeo), as imagens educam-nos por um processo que se estende continuamente por toda a vida e se realiza através do contato imperativo, direto e adquirido entre nós e as representações imagéticas – as quais seriam produzidas justamente para serem recordadas e educarem nossas formas de olhar.

Os psicólogos da educação são unânimes em afirmar que a maioria absoluta das informações que o homem moderno recebe lhe vem por

---

<sup>4</sup> Necessário esclarecer que este artigo deriva de tese de Doutorado defendida em novembro de 2013 pela Faculdade de Educação, FE/Unicamp.

<sup>5</sup> Como são as mulheres professoras a extensa maioria das retratadas fotograficamente pela publicação – conforme podemos verificar ao longo dos capítulos seguintes –, preferimos pelo uso, desde o início do texto, do substantivo em sua forma feminina.

<sup>6</sup> A publicação comemorativa foi disponibilizada apenas aos participantes do curso, ou seja, tanto às Diretorias de Ensino e suas professoras-cursistas quanto à Universidade e seus professores-regentes, a fim de demarcar a atuação da Universidade de forma presencial frente ao programa, dado que a partir do ano de 2006 a Unicamp passa a ofertar ao *Teia do Saber* apenas cursos à distância.

imagens. O homem de hoje é um ser predominantemente visual. Alguns chegam à exatidão do número: oitenta por cento dos estímulos seriam visuais. “[...] E qual é a atividade própria da contemplação? Lembrar. A doutrina da anamnese funda-se na possibilidade de uma visão mental que alcançará os reinos do pretérito, vencendo, neste seu ato, os limites do presente, que é finito e mortal como todo tempo corpóreo.” (BOSI apud NOVAES, 1988, p. 69-70).

No caso específico da fotografia, as imagens aparecem, de acordo com Barthes (2000), como uma tentativa de capturar, paralisar e imortalizar um instante, tornando-o permanente no tempo e persistente na memória – fazendo esta representação participar substancialmente dos entendimentos que formulamos sobre nós mesmos e sobre o mundo que nos cerca.

A faceta da educação advinda da fotografia como elemento constitutivo da identidade, ou seja, da forma como enxergamos a nós mesmos e aos outros, torna-se ainda mais imponente quando pensamos em retratos fotográficos, ou seja, em representações pessoais em forma de fotografia.

Sobretudo quando colorido, o retrato fotográfico espelha o fotografado à sua própria imagem e semelhança e, de tão fidedigno à realidade, teria a capacidade de se confundir com o real e se tornar modelar, estabelecendo-se como parâmetro, como exemplo para as leituras sobre o fotografado – incluindo-se aí a leitura do outro sobre ele e a leitura dele sobre si mesmo.

A foto-retrato é um campo cerrado de forças. Quatro imaginários aí se cruzam, aí se afrontam, aí se deformam. “Diante da objetiva, sou ao mesmo tempo: aquele que eu me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga e aquele que ele se serve para exibir sua arte.” (BARTHES, 2000, p. 27).

Ao ser usado como representativo de um grupo social, o retrato fotográfico colorido tem substancial capacidade de descrever o fotografado tal como seu conjunto é pensado, o que ajuda a reforçar a identidade visual do grupo, em detrimento de identidades visuais mais singularizadas acerca

de cada sujeito. Além disso, o fotografado traz aspectos característicos de seus pares em sua figura, repetindo elementos típicos e reforçando, principalmente pela suposta fidedignidade da imagem, o repertório de representações tradicionalmente associadas ao seu coletivo. De acordo com Miranda, Coppola e Rigotti (2006), desta maneira a fotografia se torna elemento constitutivo do grupo, ao seja, do conjunto de suas representações figuradas que enaltecem seu caráter educativo.

Raquel do Carmo Santos, jornalista da Assessoria de Imprensa da Unicamp e coorganizadora da obra aqui analisada, confirmou em entrevista ao *Jornal da Unicamp* quando do lançamento que, para a escrita do livro fotorreportagem, não houve a preocupação em prever padrões de enquadramento ou posições de câmera: “foi tudo muito espontâneo...”.

Certos de que, como afirmado por Machado (1994), a espontaneidade não existe quando se trata de fotografias (e quem ficaria impassível frente a uma câmera apontada para si?), ao escolhermos especificamente este livro-reportagem como material de estudo – em detrimento de estudarmos as outras quase 500 fotografias sacadas pela equipe de fotógrafos das Unicamp e não publicadas neste livro, por exemplo – levamos em consideração o fato de se tratar de uma compilação imagética publicada pela própria instituição de ensino superior que organizou o curso.

O intuito foi o de, ao manusearmos este livro e lermos suas imagens acompanhadas de seus textos, levantar indícios sobre como a figura da professora vem sendo forma(ta)da pelos órgãos e instituições que se responsabilizam pela política de formação continuada de professores em nosso Estado, tentando compreender também se e como esta forma de pensar estaria sinalizada nas imagens das professoras em formação.

Lembremos neste ponto que somos seres sociais e, como tais, necessitamos de discursos comuns – não únicos, mas pré-acordados coletivamente – para convivemos uns com os outros. Somos educados por pedagogias, por intervenções sobre nosso pensamento advindas de discursos diversos, entre eles o escrito e o imagético. Nossas formas de pensar estão embasadas nos discursos, ou seja, em palavras e imagens encadeadas e recheadas de sentidos, de mensagens com significados sociais e ideológicos.

Predominantes por terem a capacidade de permanência, a escrita e a imagem não escolhem interlocutores, podendo ser violentadas, travestidas, (re)significadas a partir da ação/interpretação de seus leitores. Lapidadas por abrasão, a comunicabilidade da escrita em letras ou luzes ultrapassa os quereres do criador, tornando seu produto capaz de uma intervenção proveniente daquele que com elas tem contato. Nossas formas de pensar estão ancoradas em nossos discursos e também são limitadas por eles. Estamos aprisionados pelas teias tecidas com o que conseguimos captar do mundo através de nossos sentidos e com o que conseguimos formular de acordo com as diferentes formas de linguagens que historicamente desenvolvemos.

Veiculador de um discurso acerca da formação de professores, o livro fotorreportagem aqui estudado traz por seus textos, além de outros sentidos possíveis, a confirmação do pensamento da academia enquanto – ao lado do Estado e do grupo editorial – responsável pela ação política de formação continuada de professores que é o *Teia do Saber*. E é ao longo dos textos, primeiramente, que uma imagem das professoras paulistas em formação nos salta aos olhos: a de “heróis da resistência” (subtítulo, p. 141), as quais encaram seu trabalho como uma “missão” (subtítulo, p. 168).

Ao longo da leitura dos textos, parece haver, se não uma contradição, ao menos uma tensa concomitância entre os discursos tidos pelo Estado, pela Universidade, pelos editores da obra e também pelas próprias professoras – uma vez que são elas muitas das entrevistadas e também as leitoras do material: a imagem da professora ultrapassaria a visão de docente em formação para também a revelar como profissional abnegada: O professor se sacrifica muito para estar aqui. Deixa de lado o lazer e a família (fala de Antônio Machado Pontes, coordenador da Associação de Ensino de Itapetininga, p. 97).

Firmes e fortes em seus propósitos, seguidoras da pura vocação, as professoras-cursistas são retratadas nestes textos como capazes de superar toda sorte de dificuldades para realizarem seu ofício.

O trabalho da professora Lúcia do Prado Souza difere muito daquele desenvolvido por seus colegas. Lúcia dá aulas para 1º a 4º séries, durante 20

horas por semana, para adolescentes internos de uma unidade da Febem em Campinas, tarefa que ela considera gratificante. Para exercer seu ofício, a professora se transforma: desempenha o papel de psicóloga e de mãe dos garotos, muitos deles abandonados por suas famílias. E não reclama de trabalhar muitas vezes sob pressão (p. 70)<sup>7</sup>.

As professoras, conforme os textos publicados no referido livro, são exemplos de superação. A professora de Matemática Adriana Aparecida Dias aprendeu a lidar com as adversidades desde a infância. Superou muitos obstáculos – desde a sua origem humilde até problemas físicos – para chegar no magistério. [...] Até – e principalmente – por isso, Adriana é vista por muitos estudantes como um exemplo de superação. (p. 116)

Nada lhes faz desistir de seu propósito enquanto educadoras: ‘Se for pensar na remuneração, o professor abandona a profissão. Quando entramos na sala de aula, porém, assumimos com afincos nossa tarefa de educador.’ (fala de Edna Avanci Pagotto, gestora em Capivari, p. 82).

Se não único e totalmente legitimado, este discurso saliente nos textos que acompanham as imagens desta fotorreportagem aparece ao menos como aceitável tanto pelo Estado e pela Universidade que o produzem quanto pelas professoras que o recebem e exaltam.

Tais propósitos de enaltecer o magistério como ideal parecem conter um pedido reiterado para que estas professoras continuem a naturalizar o fato de abnegarem de condições de trabalho mais justas e de uma vida pessoal farta, com momentos de lazer e convivência com amigos e familiares, em prol da vocação – problema já evidenciado por estudiosos da prática docente como Nóvoa (1991).

Grande parte dos problemas e dos temas educativos conduzem a uma implicação dos professores, exigindo-lhes determinadas atuações, desenhando ou projetando sobre sua figura uma série de aspirações que se assumem como uma condição para a melhoria da qualidade da educação. Em termos gerais, o discurso pedagógico e social acentua o papel dos professores, talvez devido a uma certa deformação profissional, ou devido a um efeito de ocultação ideológica (consciente ou inconsciente)

---

<sup>7</sup> Todas falas transcritas do livro Fotorreportagem em análise.



dos condicionalismos reais dessa prática, ou ainda devido ao fato de esta atitude encobrir o baixo estatuto social da profissão docente. O certo é que existe no discurso pedagógico dominante uma hiper-responsabilização dos professores em relação à prática pedagógica e à qualidade do ensino. Como consequência desta excessiva dependência da prática relativamente aos professores, o pensamento e a investigação acabam por contribuir para a elaboração de imagens exigentes e atrativas de como deveriam ser os professores nas suas múltiplas facetas. (NÓVOA, 1991, p. 63).

É realmente importante notar esta certa ambiguidade de discursos acerca das políticas de formação continuada de professores, pois, se por um lado se apregoa que “a esperada requalificação da escola pública depende essencialmente de profissionais bem preparados intelectual, emocional e afetivamente” – como afirmado pelos idealizadores do *Teia do Saber* no site da CENP<sup>8</sup> –, os textos analisados não nos mostram uma real preocupação com a qualidade de vida dessas professoras.

Se, a partir disto, pensarmos nos propósitos do *Teia do Saber* enquanto formação continuada de professores, podemos compreender que este discurso que enaltece a professora como docente e estudante batalhadora, responsável pela educação e superadora de obstáculos, acaba por evidenciar tanto a desqualificação da educação pública em nosso país quanto a fragilidade da formação inicial destas professoras. Afinal, caso a formação inicial recebida para o exercício do magistério fosse capaz de bem qualificá-las e caso o contexto da educação pública básica brasileira não se apresentasse como uma batalha árdua e diária, talvez cursos planejados aos moldes do *Teia do Saber* não fossem tão importantes e necessários.

Com isso em mente, e já que os textos aqui expostos, segundo a tradição da fotorreportagem, devem servir de suporte, como legendas ampliadas, às imagens fotográficas do livro em análise, talvez a análise das fotografias – objeto primordial desta pesquisa – nos ajude a compreender melhor esta tensa concomitância entre sentidos.

---

<sup>8</sup> Extraído do site da CENP - Conselho Executivo de Normas Padrão/Rede do Saber. Disponível em: <http://www.cenp.com.br/>. Acesso em: 19 nov. 2018.

Para interpretar as fotografias deste livro fotorreportagem, dentre as 504 fotografias constantes da obra, selecionamos como foco principal destas análises/leituras as 112 que retratam as professoras no coletivo das salas de aula, em posição discente; ou seja, em típicas aparições como estudantes: em sala de aula ou similar e geralmente sentadas em cadeiras escolares. Isso porque nosso intuito é compreender a imagem da professora enquanto profissional em formação.

Pela observação simples destas fotografias, numa leitura inicial, percebemos que tais imagens são capazes de evidenciar uma predileção dos responsáveis pela publicação por imagens que apresentem as professoras paulistas junto a seus pares, e não individualmente. Apesar de cerca de apenas  $\frac{1}{4}$  do total de fotografias publicadas apresentar o coletivo de professoras em salas de aula, pouquíssimas são as vezes em que uma professora-cursista aparece em *close* ou mesmo em meio-plano<sup>9</sup> – em apenas 55 fotografias, ou seja, em cerca de 10% das imagens isso acontece.

Podemos assim perceber a construção de uma narrativa imagética que enaltece o coletivo, o pertencimento ao grupo profissional, em detrimento a imagens mais individuais, pessoais, das professoras retratadas. Ademais, pela falta de *closes* das professoras, ao contrário do que poderíamos supor pela fala da organizadora do livro fotorreportagem, veiculada pela reportagem ao Jornal da Unicamp em 2006, fica claro que houve, sim, escolhas quanto aos enquadramentos usados para a produção das fotografias.

Mas, se pouco valor se deu à individualidade destas professoras ao retratá-las, já que estão quase sempre junto a seus pares, serviria este livro para análises sobre a imagem tida pela professora sobre ela mesma? Seria este um material digno de análise perante o conceito de autorreconhecimento? Por que a maioria ainda guarda seus livros?

As fotografias intervêm em nossas memórias. Aprendemos a ler as fotografias e, a partir delas, memorizá-las ou esquecer um fato/pessoa. Nossas identidades, individuais e coletivas, não são geradas apenas por nossos retratos, mas contam com sua participação efetiva – o que talvez

---

<sup>9</sup> Tomamos como definição para *close* quando a figura está enquadrada do peito para cima; já o meio-plano se refere às imagens que enquadram a figura da cintura para cima.

justifique o fato de fotografarmos cada vez mais, como nos faz pensar Calvino (1992):

O passo entre a realidade que é fotografada na medida em que nos parece bonita e a realidade que nos parece bonita na medida em que foi fotografada é curtíssimo. “[...] E já está no terreno de quem pensa que tudo o que não é fotografado é perdido, que é como se não tivesse existido, e que para viver de verdade é preciso fotografar o mais que se possa, e para fotografar o mais que se possa é preciso ou viver uma vida de um modo o mais fotografável possível, ou então considerar fotografável todos os momentos da própria vida. O primeiro caminho leva à estupidez, o segundo à loucura.” (CALVINO, 1992, p. 54).

Precisamos ter em mente, enfim, que existe um movimento de identificação na fotografia que ultrapassa a simples percepção. Quando somos nós os retratados, essa identificação assume o caráter de autovalorização por nos reconhecermos em um retrato – fato que nos faz hoje, na era digital, apagar muitas das imagens que não nos retratam com a perfeição narcísica que gostaríamos.

Ao lembrar o momento em que o livro foi distribuído aos participantes do *Teia do Saber*, lembramos também o entusiasmo com que aquelas mulheres se referiam às suas fotos, satisfeitas por se reconhecerem, identificarem-se. Satisfeitas por terem sido retratadas e serem notadas, não só como pessoas, mas, sobretudo, como membros de um grupo que elas já assumiram: o de professoras.

As fotografias não são neutras, mas também não são deturpações de um olhar errante e único. Como toda imagem, são mediadoras de interpretações da realidade produzidas em um tempo e espaço definidos e acordadas entre seus produtores e leitores. Apresentam, segundo Souza (2004), concepções de homem, de mundo e de sociedade incorporadas não apenas pelo fotojornalista por elas responsável, mas também pelos sujeitos que as disseminam e, quiçá, pelos que as leem.

O fotógrafo-autor torna-se responsável pelas fotos que faz e pelos pontos de vista que estas possam sugerir. Mas é igualmente verdadeiro

que um órgão de comunicação se rege por normas, convenções e linhas editoriais suscetíveis a muitos interesses. Portanto, não se pode interpretar a fotografia jornalística apenas pela expressão individual do fotojornalista. (SOUZA, 2004, p. 13).

Portanto, a imagem produzida sobre a professora em formação parece, dentre outros sentidos possíveis, conformar um dos modos de ver e compreender sua figura e seu papel perante as práticas escolares. Abnegadas, porém compenetradas e sorridentes: como veremos, este parece ser o sentido hegemônico das fotografias que retratam as professoras paulistas nesta obra e que corrobora com um dos sentidos trazidos pelos textos anteriormente aqui analisados.

Retratadas em sua maioria sorrindo ou concentradas em suas tarefas durante aulas do *Têia do Saber*, as professoras fotografadas aparecem como dóceis e dedicadas ao desempenharem seus papéis de profissionais em formação. Por leituras assim, as fotografias de professoras são capazes de nos apresentar seu assujeitamento, ou seja, sua valorização como pertencente à sua classe profissional, em detrimento de sua imagem mais pessoal, mais singular.

Além disso, conjugando as análises das fotografias com os textos que as acompanham, podemos entender que não só os responsáveis pela feitura deste livro mas, sobretudo, pelo oferecimento do *Têia do Saber* enquanto curso de formação continuada, estão trabalhando em acordo com uma política educacional que enaltece a professora como mediadora de melhorias educativas e, conseqüentemente, socioeconômicas e culturais, mas que desconsidera as muitas vezes sofríveis condições de trabalho que estas mulheres possuem.

Articulada a esta política educacional, a Universidade Pública – responsável pela publicação da obra estudada e também encarregada de conceber e executar os projetos de formação continuada – parece trabalhar hoje não mais como questionadora, mas em consonância com o Estado, como apontado por Mortatti (2010), o que ajuda a apreçoar esta imagem da professora que lhe é preferível e a enaltecer o caráter educativo das representações que veicula.

[...] a universidade pública, que nos anos de ditadura militar esteve fortemente empenhada na denúncia dos efeitos sociais desastrosos de políticas autoritárias em educação, passou a ser chamada a participar do processo de construção da nova ordem social e política, aceitando, porém, no cumprimento de seu compromisso social, submeter a processo regulatório a atuação de sujeitos, funcionários públicos na universidade, que são responsáveis pela produção (individual-institucional) de conhecimento, do qual dispõem como um bem privado, apreendido e construído com financiamento público e que, na condição de assessores ou consultores de órgãos públicos, tornam-se responsáveis também por sua divulgação, aplicação e avaliação, por meio da participação direta na formulação, implementação e avaliação de políticas públicas. Vem-se caracterizando, assim, a tendência a se configurar um quase terceiro setor ou um quase mercado, constitutivos de uma zona fronteira em que se dá a atuação desses sujeitos privados de políticas públicas. (MORTATTI, 2010, p. 336).

Pela leitura das imagens em conjugação a dos textos, o que parece importar não é a vida pessoal e individual da pessoa/mulher que, profissionalmente, escolheu por seguir a docência. O importante é que ela encare o magistério como um ideal, encontrando a felicidade em ser responsável pela educação de nossos alunos – o já conhecido futuro da Nação!

Figura 1 – Professora, a “Salvadora da Nação”



Foto: Antonio Scarpinetti (2003).

Não querendo incrementar ainda mais esta leitura da imagem da professora “vacionada” por sua repetição, apenas apontamos concordar com Costa, Silveira e Sommer (2003) quando dizem que:

A representação da docência como ‘vocação’ já foi largamente utilizada, afetando as exigências que são feitas às mulheres – o grande contingente supostamente vacionado que se dedica ao ensino –, e não é recomendável que continuemos a incrementá-la nos meios educacionais. A manipulação da retórica de professoras como ‘eleitas’, ‘escolhidas’, agentes perfeitas em um trabalho marcado pela “doação”, já causou demasiados danos às docentes e à educação escolar. Precisamos agora é de estratégias que valorizem as características que as mulheres incorporam ao ensino por sua repercussão positiva no trabalho com as/os estudantes e não pelo que elas significam como predisposição à exploração e ao controle. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 236).

A passagem do *Teia do Saber* pela região reforçou suas convicções sobre a busca do novo. Maria José não tem saudade nenhuma (*sic*) das fórmulas impostas pelo andar de cima do ensino – sucessivos governos que faziam do livro didático uma cartilha que devia ser

seguida à risca por anos. Cursos de atualização e liberdade de ação eram artigos de luxo, lembra a professora, para quem os alunos das décadas de [19]70 e [19]80 eram pouco questionadores.

Maria José sabe que os tempos são outros. Os estudantes estão cada vez mais exigentes e bem-informados. Por isso, não deixou escapar a oportunidade de colocar na bagagem de sua longa trajetória os conhecimentos adquiridos na atualização. Os tempos de cavalo ficaram para trás. Mas a vontade de dar uma ‘aula bonita’ foi mantida<sup>10</sup>.

Mesmo tendo tanta bagagem, Dona Zezé certamente escolheu, fazendo uso de sua salientada liberdade, o que colocar, dentre tantos aprendizados obtidos através não só a partir do *Teia do Saber* como de toda sua jornada profissional, dentro da pasta preta com o emblema da Unicamp que carrega, pasta esta cada dia mais pesada...

Cansaço. Este mesmo que sinto é o que, imagino, Dona Zezé deve, no íntimo, sentir: não por andar a cavalo, percorrer trilhas a pé, recorrer a charretes para chegar às escolas; mas talvez por ter tido dois filhos e não ter podido vê-los crescer por falta de tempo para os afazeres domésticos; ou talvez também por fazer as vezes de médica, farmacêutica, conselheira, para além das tarefas docentes; tudo em nome das aulas bonitas que pode ministrar a partir dos aprendizados constantes e da liberdade de não mais ser obrigada a usar cartilhas...

Uma exaustão pelas propostas de formação continuada de professores embasadas em estereótipos que insistem em se fixar, os quais tomam, como observado por esta pesquisa, a professora como profissional abnegada, sorridente e feliz, capaz de abrir mão de sua vida pessoal, social e afetiva em prol da vocação. Profissionais que se predisporiam a estudar aos sábados, durante todo o dia, depois de uma semana inteira de labuta, mas que ainda assim se sentiriam gratas pela oportunidade de entrar em contato com uma grande Universidade e teriam sua autoestima por isso enriquecida.

---

<sup>10</sup> Continuidade do texto extraído do livro Fotorreportagem “Teia do Saber: capacitação de professores da rede pública”, p. 145.

Propostas de formação continuada que assim concebem os docentes são formas de controle, demarcações identitárias que reforçam, conformam e fazem persistir um olhar errante e único que, de tão repetido, pode passar despercebido por debaixo de uma suposta neutralidade da academia, do Estado e dos grupos editoriais responsáveis por sua disseminação.

Há que se lembrar que, como já dissemos, este discurso que enaltece a professora como docente e estudante batalhadora, responsável pela educação e superadora de obstáculos, acaba por evidenciar tanto a desqualificação da educação pública básica em nosso país quanto a fragilidade da formação inicial destas professoras, pois, de outra forma, talvez cursos como o *Têia do Saber* não fossem tão importantes e necessários.

Não que a formação continuada de professores seja desnecessária ou ineficaz por definição. É certo que os aprendizados, as trocas, as experiências e reflexões partilhadas entre professores-regentes e professores-cursistas possibilitariam o enriquecimento de todos.

Acreditamos, sim, na formação continuada de professores, mas de uma forma que não implique na forma(ta)ção do outro, que não embarreire possíveis aberturas às singularidades na formação. Ao contrário, acreditamos num processo de formação que, antes de mais nada, envolva o contato e a escuta direta do educando para o planejamento das ações didáticas – e não seu desenvolvimento a partir de indicadores de desempenho e orientações curriculares padrão. Acreditamos em uma formação que parta do cursista, de seu ambiente, de seus desejos e necessidades, sem o limitar a ser um “meeiro”, agente multiplicador e depositário de informações e novidades e serem repassadas aos estudantes da educação básica. Acreditamos numa formação que seja antes um espaço vazio, ou seja, um espaço e tempo não recheados de conselhos metodológicos, mas um espaço e tempo de olhar para si mesmo, para o se (re)pensar como professor e como pessoa, num itinerário plural e criativo, nunca findável.



## REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. **A câmara clara**. São Paulo: Nova Fronteira, 2000.
- CALVINO, Í. A aventura do fotógrafo. *In*: CALVINO, Í. **Os amores difíceis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e Pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 23, ago. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2018.
- KASSAB, Á. (org.) **Teia do Saber**: capacitação de professores da rede pública. Campinas: IPES Editorial, 2005.
- MACHADO, A. **Ensaio sobre a contemporaneidade**. São Paulo: PUC-SP, 1994.
- MIRANDA, C. E. A., COPPOLA, G. D., RIGOTTI, G. F. A educação pelo cinema. **Blog Setimaarteufmg**, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <https://setimaartefaeufmg.files.wordpress.com/2011/12/miranda-cea-educ-cinema1.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2006.
- MORTATTI, M. do R. L. Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 44, p. 329-410, ago./2010.
- NOVAES, A. (org.). **O olhar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.
- NÓVOA, A. (org.) **Profissão professor**. Porto: Editora Porto, 1991.
- SOUZA, J. P. **Fotojornalismo**: introdução à história, às temáticas e à linguagem fotográfica na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

## SITES CONSULTADOS

- GRUPO GESTOR DE PROJETOS EDUCACIONAIS. Disponível em: <http://www.ggpe.reitoria.unicamp.br>. Acesso em: 19 nov. 2018.
- REDE DO SABER. Disponível em: <http://www.cenp.edunet.sp.gov.br>. Acesso em: 19 nov. 2018.
- SÃO PAULO (ESTADO). SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br>. Acesso em: 19 nov. 2018.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Sala de Imprensa. Disponível em: [http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje). Acesso em: 19 nov. 2018.